



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO I

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 20 de Setembro de 1978

A virtude da esperança

Entre as sete "lâmpadas da santificação", a segunda era, para o Papa João, a esperança. Falovos hoje desta virtude, que é obrigatória para cada cristão. Dante, no seu Paraíso (*Cantos* 24, 25 e 26), imaginou apresentar-se a um exame sobre o cristianismo. Funcionava uma comissão categorizada. "Tens fé?", pergunta-lhe, primeiro, São Pedro. "Tens esperança?", continua São Tiago. "Tens caridade?", termina São João. "Sim — responde Dante — tenho fé, tenho esperança, tenho caridade". Demonstra-o e fica aprovado por unanimidade.

Disse eu que é obrigatória. Mas não é, por isto, a esperança feia ou dura: pelo contrário, quem a vive viaja num clima de -confiança e de entrega, dizendo com o salmista: "Senhor, tu és a minha rocha, o meu escudo, a minha fortaleza, o meu refúgio, a minha lâmpada, o meu pastor, a minha salvação. Mesmo que um exército se formasse contra mim, o meu coração não temeria; e se contra mim se levantar a batalha, mesmo então terei confiança".

Direis: Mas não é exageradamente entusiasta este salmista? lá possível que a ele as coisas tenham sempre corrido tão bem? Não, não lhe correram sempre bem. Sabe e diz que os maus são muitas vezes afortunados e os bons oprimidos. Disto se lamentou até por vezes dirigindo-se ao Senhor; chegou a dizer: "Porque dormes, Senhor? Porque te calas? Desperta, ouve-me, Senhor". Mas a sua esperança manteve-se firme, inabalável. A ele, e a todos quantos esperam, se pode aplicar o que disse São Paulo de Abraão: *acreditou esperando contra toda a esperança* (Rom. 4, 18). Direis ainda: Mas como pode acontecer tal coisa? Acontece, porque nos apegamos a três verdades: Deus é onipotente, Deus ama-me imenso e Deus é fiel às promessas. E é Ele, o Deus da misericórdia, que acende em mim a confiança; por isso não me sinto nem só, nem

inútil, nem abandonado, mas integrado num destino de salvação, que um dia virá a levar-me ao Paraíso. Aludi aos Salmos. A mesma confiança segura vibra nos livros dos Santos. Gostaria que lêsseis uma homilia feita por Santo Agostinho no dia de Páscoa sobre o *Aleluia*. O verdadeiro *Aleluia* — diz aproximadamente — cantá-lo-emos no Paraíso. Este será o *Aleluia* do amor pleno; o de agora, é o *Aleluia* do amor faminto, isto é, da esperança.

Dirá alguém: Mas se eu sou pobre pecador? Respondo-lhe como respondi a uma senhora desconhecida, que se confessava a mim já lá vão muitos anos. Estava desanimada porque — segundo afirmava — tinha tido uma vida moralmente borrascosa. Dá-me licença de lhe perguntar: quantos anos tem? — 35. — 35! Mas pode viver outros 40 ou 50, e fazer ainda um bem muito grande. Assim, arrependida como está, em vez de pensar no passado, projecte-se no futuro e renove, com a ajuda de Deus, a sua vida. Citei naquela ocasião São Francisco de Sales, que fala das "nossas caras imperfeições". Expliquei: Deus detesta as faltas, porque são faltas. Mas, por outro lado, em certo sentido, ama as faltas, enquanto Lhe dão ensejo de mostrar a sua misericórdia e a nós o de permanecermos humildes e compreendermos as faltas do próximo e delas nos compadecermos.

Nem todos partilham esta minha simpatia pela esperança. Nietzsche, por exemplo, chama-lhe "virtude dos fracos". Segundo ele, faz do cristão um inútil, um solitário, um resignado e um estranho ao progresso do mundo. Outros falam de "alienação", dizendo que afasta os cristãos da luta em favor da promoção humana. Todavia "a mensagem cristã — disse o Concílio não afasta os homens da construção do mundo... impõe-lhes, ao contrário, um dever mais rigoroso" (*Gaudium et Spes*, 34. Cfr. nn. 39 e 57; e *Mensagem ao Mundo dos Padres Conciliares*, de 20 de Outubro de 1962).

Têm surgido de vez em quando no decurso dos séculos afirmações e tendências de cristãos demasiado pessimistas quanto ao homem. Mas tais afirmações foram desaprovadas pela Igreja e esquecidas graças a uma falange de santos alegres e activos, graças ao humanismo cristão, aos mestres de ascética que Saint-Beuve chamou "les doux" e graças ainda a uma teologia compreensiva. São Tomás de Aquino, por exemplo, coloca entre as virtudes a *iucunditas* ou seja a capacidade de converter num sorriso alegre — na medida e no modo conveniente — as coisas ouvidas e vistas (Cf. 2.2ae, q. 168, a. 2). Jucundo deste modo — explicava aos meus alunos — foi aquele pedreiro irlandês, que se precipitou do andaime e quebrou as pernas. Levado ao hospital, vieram o médico e a Irmã enfermeira. "Pobrezinho — disse esta última feriu-se muito caindo". Replicou o ferido: "Madre, não foi precisamente caindo, mas chegando ao chão é que me feri". Declarando ser virtude gracejar e fazer sorrir, São Tomás encontrava-se de acordo com a "alegre nova" pregada por Cristo, com a *hilaritas* recomendada por Santo Agostinho. Vencia o pessimismo, revestia de alegria a vida cristã, convidava-nos a tomar "animo também com os gozos sãos e puros que se nos deparam no caminho. Quando eu era rapaz, li alguma coisa sobre Andrew Carnegie, escocês, que imigrou com os pais para a América e chegou pouco a pouco a ser um dos maiores ricos do mundo. Não era católico, mas impressionou-me que falasse com

insistência das alegrias genuínas e autênticas da sua vida. "Nasci na miséria — dizia —, mas não trocava as recordações da minha meninice com as dos filhos dos milionários. Que sabem eles das alegrias familiares, da terna figura da mãe que junta em si os cargos de encarregada de crianças, de lavadeira, de cozinheira, de mestra, de anjo e de santa?". Muito novo empregara-se numa fiação de Pittsburg com 56 míseras libras mensais de salário. Uma tarde, em vez de lhe dar logo a paga, o tesoureiro disse-lhe que esperasse. Carnegie tremia: "Vão-me agora despedir". Pelo contrário, depois de pagar aos outros, o tesoureiro disse-lhe: "Andrew, tenho reparado atentamente no seu trabalho; concluí que vale mais que o dos outros. Subo-lhe o salário para 67 libras". Carnegie de corrida voltou a casa, onde a mãe chorou de contentamento devido à promoção do filho. "Falais de milionários — dizia Carnegie muitos anos depois —, todos os meus milhões colocados juntos não me deram nunca a alegria daquelas 11 libras de aumento". Certamente, estas alegrias, ainda que boas e animadoras, não têm o valor todo; são alguma coisa, não são tudo; servem de meio, não são o fim último; não duram sempre, mas só breve tempo. "Delas usem os cristãos — escrevia São Paulo —, mas como se delas não usassem, porque a aparência deste mundo passa" (Cfr. 1 Cor. 7, 31). Cristo já dissera: *Procurai primeiro que tudo o reino de Deus* (Mt. 6, 33).

Para terminar, desejava aludir a urna esperança, por alguns chamada cristã, mas que só é cristã até certo ponto. Explico-me: no Concílio também eu votei a "Mensagem ao Mundo" dos Padres Conciliares. Dizíamos nela: o cargo principal de *divinizar* não exime a Igreja do cargo de *humanizar*. Votei a *Gaudium et Spes*; comovi-me e entusiasmei-me quando saiu a *Populorum Progressio*. Julgo que o Magistério da Igreja nunca insistirá demais em apresentar e recomendar a solução dos grandes problemas da liberdade, da justiça, da paz e do desenvolvimento; e os leigos católicos nunca se baterão suficientemente para resolver estes problemas. É, porém, erro afirmar que a libertação política, económica e social coincide com a salvação em Jesus Cristo, afirmar que o *Regnum Dei* se identifica com o *Regnum hominis*, que *Ubi Lenin ibi Ierusalem*. Em Friburgo, no 85º Katholikentag foi tratado, nestes últimos dias, o tema "o futuro da esperança". Falava-se do "mundo" que é preciso melhorar, e a palavra "futuro" vinha a propósito. Mas se da esperança para o "mundo" se passa à esperança para cada alma, então é necessário falar também de "eternidade". Em Ostia, à beira-mar, numa famosa conversa, Agostinho e Mónica, "esquecidos do passado e voltados para o futuro, perguntavam-se que viria a ser a vida eterna" (*Confissões IX*, n. 10.). Tal é a esperança cristã; a esta se referia o Papa João e a esta nos referimos nós, quando, com o catecismo, oramos: "Meu Deus, espero da vossa bondade... a vida eterna e as graças necessárias para a merecer com as boas obras, que eu devo e quero fazer. Meu Deus, não fique eu confundido eternamente".

Saudações

À Comissão europeia da Conferência mundial das Religiões em favor da Paz

Dirigimos uma saudação cordial aos membros da Comissão europeia da Conferência Mundial das Religiões em favor da Paz, reunidos nestes dias em Roma. Agradecemos-vos a vossa visita, porque apreciamos a vossa acção em serviço da paz do mundo graças à oração, aos esforços de educação no sentido da paz, à reflexão sobre os princípios fundamentais que devem determinar as relações entre os homens. Na verdade, para que a paz se consiga, a necessidade dela há-de ser profundamente sentida pela consciência, porque a paz vem duma concepção fundamentalmente espiritual da humanidade. Este aspecto religioso leva não só ao perdão e à reconciliação, mas também ao compromisso para favorecer a amizade e a colaboração entre os indivíduos e os povos.

Nesta obra vos ajude Deus, que ama todos os homens e quis ser Pai de todos.

Aos participantes no Congresso Internacional das Comunidades Terapêuticas

Sua Santidade improvisou, dirigindo-se ao grupo, as seguintes palavras:

Não quero fazer um discurso extenso, como anunciou algum jornal. Falarei simplesmente duma experiência minha. Há dois meses, em Veneza, apresentou-se-me um jovem. sacerdote salesiano, que faz aproximadamente o mesmo que, em Roma, Don Picchi. Expôs-me as suas dificuldades. Se bem me lembro, desejava que houvesse duas comunidades concêntricas. Dizia: "Estou quase só. Parece-me que não me compreendem. Seria necessário que à minha volta e à volta dos que trabalham nesta obra houvesse uma cadeia de corações que me compreendessem. Trata-se de doentes, não são delinquentes, são pobres jovens que as circunstâncias da vida marginalizaram. Têm tanta necessidade de compreensão, e temo-la também nós que deles nos ocupamos". E depois, há a outra comunidade, mais limitada, a comunidade terapêutica. Aquele sacerdote explicava-me: "Sabe, estes jovens chegaram à droga ou porque não se sentiram compreendidos, talvez erradamente, na família, ou não encontraram um centro de interesse, ou não tinham amizades sérias. Para os recuperar, é necessário fazer-lhes sentir que são amados. Depois poderemos restituí-los à família, naturalmente com o auxílio também da religião. A droga tantas vezes depende de o jovem não saber para que fim se deve viver".

Disse-lhe: "Caro Don Gianni, procurarei ajudá-lo". Depois não pude manter a promessa porque me fizeram Papa. Mas aquilo que não pude fazer em Veneza, faço-o agora aqui, diante dos participantes neste Congresso, que abraça quase o mundo inteiro. É necessário apoiar, compreender essas pessoas, estar perto delas, dessas que se sacrificam sobretudo para bem dos jovens.